

10-2017

Ser Missionário em serviço militar

José Manuel Sabeça

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Sabeça, J. M. (2017). Ser Missionário em serviço militar. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/60>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

SER MISSIONÁRIO EM SERVIÇO MILITAR

Os nossos leitores conhecem já o P. José Manuel Sabença, pois ele foi, durante alguns meses, Redactor deste jornal. Já nessa altura ele tinha nomeação para a África do Sul. Foi, porém, obrigado a adiar a sua partida, por ter sido chamado a exercer a sua primeira experiência missionária como capelão militar, cumprindo assim o serviço militar obrigatório. Exerce essas funções no Regimento de Comandos e na Academia Militar, onde se prepara a fina flor do nosso Exército. Quisemos ouvir o seu testemunho sobre esta 'missão diferente' e difícil de lançar 'sementes de paz' num meio humano onde o principal objectivo é... aprender a fazer a guerra!

A. M. – Antes de mais, o que é um capelão militar e o que faz?

P. J. M. Sabença: – É um padre que é militar. Embora seja militar não pego em armas – nem por brincadeira! – nem faço todo um conjunto de serviços e exercícios próprios dos outros militares. Como padre tenho uma missão específica: ser missionário, ser sinal de Cristo, ser presença de Igreja.

A. M. – Que tipo de missão desenvolves no quartel?

P. J. M. Sabença: – É anunciar o Evangelho, sob licença. Explico-me: quando projecto alguma actividade com os soldados ou com os alunos da Academia, preciso sempre de pedir licença ao Comandante. Faz parte do estilo da instituição militar. Nada se faz sem o conhecimento e aprovação do Comandante. E não tenho razões de queixa. Além do mais, vale a pena passar por esta mediação porque os destinatários principais da minha acção são os jovens.

A. M. – Como reagem esses jovens à tua acção e presença?

P. J. M. Sabença: - Muito positivamente. E isto porque o meu relacionamento com eles é diferente daquele a que eles estão habituados a ter com os outros oficiais. Nesses eles vêem, quase sempre, um superior que eventualmente os pode punir, cortando-lhes o fim de semana, por exemplo. A minha relação com eles é mais informal, sem preconceitos. Por isso eles partilham mais fa-

cilmente comigo os seus problemas e dificuldades, angústias, etc. E tenho encontrado de tudo: jovens drogados, jovens casados com dificuldades; jovens que eram o ‘ganha pão’ de toda a família doente ou sem pai; jovens ‘amarrados de pés e mãos’ com uma rapariga grávida nos braços; jovens sem fé mas em busca de Deus; jovens baptizados totalmente desligados da Igreja; mas também jovens cristãos convictos que procuram viver a sua fé nesse meio, de per si, um pouco adverso... Enfim, penso que tenho encontrado um pouco o espelho da juventude dos nossos dias.

A. M. – Como descobres concretamente esses jovens e suas situações?

P. J. M. Sabença: - Eu costumo dizer – e não se escandalizem - que o meu lugar de apostolado por excelência é o bar. Não porque seja bebedor – e aqueles que me conhecem sabem-no bem – mas porque é aí que os jovens estão mais à vontade e através de dois dedos de conversa podemos criar um clima de confiança que os leva a partilhar os seus problemas. Muitas vezes são os próprios oficiais que me alertam para a situação deste ou daquele jovem. Depois procuro acompanhar o jovem e encontrar com ele uma solução administrativa, quando é possível, ou então, uma solução de solidariedade e apoio fraterno.

A.M. – A tua acção, nesse caso, não é só para os cristãos?

P. J. M. Sabença: - De maneira nenhuma. Eu sou o capelão de todos os que estão no quartel, quer sejam cristãos ou não, praticantes ou não. Inclusivamente vão aparecendo alguns jovens muçulmanos e eu procuro fazer ver aos superiores que devem ser respeitados nas suas práticas, nomeadamente em não comer carne de porco e ser-lhes facultada outra alimentação. Mesmo para aqueles que não são cristãos praticantes – a grande maioria – eu procuro ser uma presença da Igreja, ténue e imperceptível, como o fermento na massa. Até porque anunciar o Evangelho é também procurar humanizar, dar um pouco mais de alegria e esperança face ao futuro e fomentar o bom relacionamento entre todos. Para todos eu procuro ser um testemunho. Até porque, como dizia Paulo VI, o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres. E então os jovens, penso eu, são particularmente sensíveis a isso e à solidariedade.

A.M. – Tens procurado aproveitar essa propensão dos jovens para a solidariedade?

P. J. M. Sabença: - Em parte sim. No ano passado, por exemplo, fui eu que incrementei no quartel a venda do Pirlampo Mágico, em favor das crianças

das CERCIS. Este ano, pelo Natal, lancei uma campanha de solidariedade com as crianças mais pobres da Escola Preparatória Roque Gameiro, fronteira à Academia. Através da venda de Postais de Natal conseguiu-se arranjar dinheiro para oferecer a 30 crianças algum material escolar e outras coisitas. Na Quaresma do ano passado havia um pequeno mealheiro no bar convidando à renúncia em favor das crianças de Angola. Sensibilizou e rendeu alguma coisa.

A.M. – Concretamente, o que é que fazes como actividades tipicamente católicas?

P. J. M. Sabença: - Várias, apesar de tudo, embora com grupos bem mais pequenos porque essas coisas são sempre livres. Celebrações eucarísticas por ocasião dos Fiéis Defuntos, Dia da Unidade, Natal, Páscoa, etc. Na Academia celebro missa todos os domingos para os alunos que não vão de fim de semana, nomeadamente um grupo de alunos dos países africanos de expressão portuguesa (Guiné, S. Tomé, Cabo Verde, Moçambique) que saem menos ao fim de semana. Temos também um grupo de reflexão e oração que se reúne semanalmente para aprofundar a fé pelo estudo, para conviver e rezar. Na Quaresma fizemos uma via-sacra ao ar livre, à noite, pelas ruas do quartel. Faço também uma preparação prolongada para o Crisma e Casamento.

Sirvo-me ainda de outros pequenos meios para anunciar o Evangelho. Refiro dois: a viola e um pequeno jornal. A viola porque canto com eles canções de mensagem cristã mais ou menos conhecidas de todos; o pequeno jornal, a que chamei ‘O Camarada’ (porque na tropa somos camaradas), porque posso escrever coisas simples sobre a fé e a vida da Igreja que também são anúncio do Evangelho.

Colaboro também nos ‘Convívios Fraternos’ para militares; 3 dias de retiro e de aprofundamento da fé. Participo ainda nas actividades promovidas pelo Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas, tais como a Peregrinação Militar a Fátima e a Lourdes. A 12 e 13 de Maio, por exemplo, irei a Fátima com mais de 100 alunos do I e II ano da Academia Militar.

A.M. – No teu entender, quais são os desafios que se levantam hoje à Igreja no meio militar?

P. J. M. Sabença: - Três desafios, penso eu. 1. Conseguir suscitar e formar entre os cristãos que são militares de carreira (oficiais e sargentos) um grupo de leigos conscientes que pelo seu dinamismo e profissionalismo exemplar sejam testemunho e fermento no quartel. 2. Conseguir evangelizar através daquelas celebrações quase protocolares em que quase toda a gente participa, tais como missas de defuntos, comunhões pascais, etc. 3. Grande espírito criativo e inventivo para des-

pertar nos jovens o interesse pelo Evangelho e pela Igreja, tanto mais que com a redução progressiva do serviço militar muito mais não se poderá fazer.

A.M. – Em conclusão; sentes-te missionário como capelão?

P. J. M. Sabença: - Ao chegar quase ao fim destes 2 anos de serviço militar, posso dizer que me senti missionário, enviado a anunciar Jesus Cristo e a sua humanização àqueles com quem me encontrei. Mas nunca deixei de pensar e de dizer que, como Missionário Espiritano, há outro campo que me espera e onde gostarei muito mais de ser testemunha de Cristo Libertador, mesmo que me seja mais difícil. Esse campo é a África do Sul para onde serei enviado no próximo ano.

*Entrevista conduzida por Firmino Cachada. ‘
Ação Missionária’, Maio de 1991, p. 3 e 10*

CAMARADAGEM E EVANGELHO

Ter dificuldades. Passar necessidades. Sentir-se só diante dos problemas, pode acontecer a qualquer um. Encontrar alguém disposto a ajudar a ouvir e a partilhar esse sofrimento, vai sendo mais raro.

Recentemente os alunos do I e II ano da Academia deram-me um exemplo de como, afinal, isso ainda é possível. Perante as dificuldades de um camarada ninguém ficou insensível. Os grãos de trigo de cada um permitiram juntar para ele o pão da partilha, o bolo gostoso da solidariedade.

Para além do regozijo que sinto ao ver as mãos unidas ajudando o outro a sentir-se apoiado, fortalecido nas suas dificuldades, queria aqui realçar que a camaradagem – quando bem entendida - é fonte de bem-estar, de alegria e solidariedade. Eu diria mesmo que ser camarada assim vale a pena, porque é ser irmão, é construir pontes de amizade por cima das diferenças pessoais e das divergências de grupo.

A minha formação – ou ‘deformação’ - profissional (padre e discípulo de Cristo) faz-me dizer que gestos assim são gestos evangélicos, gestos ao jeito de Jesus Cristo. Parabéns. O fermento do Evangelho está no meio da massa e pode levedá-la.

‘Ação Missionária’, Maio de 1991, p. 3.